

# CONECTANDO A HISTÓRIA DE NOSSOS JORNAIS DESDE A GACETA DO MEXICO

## CONNECTING THE HISTORY OF OURS FIRSTS JOURNALS SINCE THE GACETA DE MEXICO

Antonio Carlos Hohlfeldt<sup>1</sup>

### RESUMO

Apesar do lapso temporal de quase um século entre o surgimento do primeiro jornal numa colônia espanhola da América Latina (La Gaceta de México, 1722) e na colônia portuguesa (Gazeta do Rio de Janeiro, 1808), pode-se observar que, não só pela denominação de *gazeta*, tais publicações apresentam fortes semelhanças a evidenciarem um processo conectado em seu desenvolvimento. Por outro lado, a colônia portuguesa também recebeu, na época, um outro periódico que, embora um pouco diferenciado, cumpria objetivos semelhantes, o Correio Braziliense, também de 1808. O que se propõe, aqui, por consequência, é um estudo aproximativo entre as histórias dos primeiros jornais do continente, surgidos, respectivamente, no México, Guatemala, Lima, La Habana e Bogotá, aos dois primeiros jornais brasileiros, Gazeta do Rio de Janeiro e Correio Braziliense, numa perspectiva *conectada*, como assumimos.

**Palavras-chave:** História conectada. Gaceta de México. Gazeta do Rio de Janeiro. Correio Braziliense.

### ABSTRACT

*Despite just one century between the birth of the first newspaper in a Spanish Latin America colony (La Gaceta de México, 1722) and the portuguese colony (Gazeta do Rio de Janeiro, 1808), is not only the title gazeta that remarks the resemblances between them. On the other hand, the Portuguese colony also received, at the time, another periodical that, although a little different, fulfilled similar objectives, the Correio Braziliense, also from 1808. Our proposition is study the connecting history of these firts newspapers from Mexico, Guatemala, Lima, La Habana and Bogota just in face of the two brazilians journals, as we say.*

**Keywords:** Connected history. Gaceta de México. Gazeta do Rio de Janeiro. Correio Braziliense

---

<sup>1</sup> Possui graduação em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1973), Mestrado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1991) e Doutorado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1998). Atualmente é professor titular 40 horas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Sul-Rio-grandense e Brasileira, além de experiência na área de Comunicação Social, especialmente em Teoria da Comunicação e História do Jornalismo, atuando principalmente nos seguintes temas: artes cênicas, criação dramática, teoria e história do jornalismo, comunicação social e teoria da comunicação. realizou estágio pos-doutoral em 2008, na Universidade Fernando Pessoa. Atua nos PPGs de Escrita Criativa (Faculdade de Letras, PUCRS) e de Comunicação Social (FAMECOS, PUCRS).

## INTRODUÇÃO

O nascimento da imprensa jornalística, no continente latino-americano, ocorreu graças a uma série de acontecimentos que coincidiram, historicamente, com a formação das primeiras estruturas nacionais no continente europeu, que são justamente as de Portugal e de Espanha; os processos de conquistas coloniais, ocorridos ao longo dos séculos XV e XVI; as políticas de desenvolvimento das metrópoles e seus reflexos nas então colônias, culminando nas influências iluministas do século XVIII e nas guerras napoleônicas do século XIX. Se o continente latino-americano foi considerado, durante longo tempo, como uma espécie de *prolongamento*, apenas, da própria Europa, devendo ser *civilizado*, também o surgimento da imprensa, no Novo Mundo, constituiu-se como uma espécie de *prolongamento* da imprensa de suas respectivas metrópoles. Em que pese permear quase um século entre o início de tal processo, nas antigas colônias espanholas (os vice-reinos) e sua gênese na colônia portuguesa do continente, pode-se afirmar não existirem maiores diferenças entre os conceitos e os significados sociais de tais publicações, a começar pelo fato de que, emulando o que ocorria nas metrópoles, também nas colônias os primeiros jornais assumiram as características das *gazetas*, dando um passo dando um passo à frente em relação à experiência anterior, com as chamadas *relações*.

Este é o tema central deste artigo: pretendemos estudar comparativamente os cinco primeiros títulos constituídos territorialmente no continente – Gazeta do México (1722), Gazeta de Guatemala (1729), Gazeta de Lima (1743), Gazeta de la Habana (1764) e Gazeta de Bogotá (1785) – cronologicamente falando, aproximando-os àqueles que são nossos dois primeiros periódicos a circular no território brasileiro, o Correio Brazilien-se (junho de 1808) e a Gazeta do Rio de Janeiro (setembro de 1808).

## OBJETIVOS

Este artigo pretende evidenciar que existem mais que coincidências, mas processos semelhantes na história de cada uma dessas publicações, ao longo de suas histórias, o que nos permite compreender tais narrativas como uma história maior, conectada, a partir da qual podemos encontrar conceitos, procedimentos, práticas e impactos sociais semelhantes, nos respectivos contextos de suas circulações.

## 1 ANTECEDENTES HISTÓRICOS

Isabel de Castela casara-se com Fernando de Aragão, em 1469. Como eram primos em segundo grau, necessitaram de uma licença especial do

Papa (isso se concretizou apenas em 1473). Este casamento encaminhou concretamente a unidade espanhola, ainda que muitos anos ainda se fizessem necessários para que tal projeto se consolidasse. A Espanha tornava-se, assim, depois de Portugal, a segunda unidade nacional claramente definida no continente europeu. O ano de 1492, neste sentido, é uma espécie de divisor de águas para o país, quando os muçulmanos são derrotados e Cristóvão Colombo, à sombra da bandeira espanhola, chega ao Novo Mundo. Isabel é uma entusiasta de algumas invenções recentes, como a imprensa, que decide fazer instalar, entre 1473 e 1474, em Valencia, Barcelona e Zaragoza.

Portugal se constituíra nacionalmente um pouco antes (o reino de Portugal se formaliza em 1139) e por isso é considerado o primeiro Estado-nação da Europa. A chamada *era dos descobrimentos* portugueses começa na segunda metade do século XV, após forte desenvolvimento da ciência náutica, devida, dentre outros, ao Infante Dom Henrique, o que propicia que navegadores, sob a bandeira lusitana, atinjam as ilhas do Cabo Verde e conquistem Ceuta (1415), na costa da África. Sucessivamente, ultrapassam o ponto extremo sul do continente africano (Cabo das Tormentas 1488, então denominado Cabo da Boa Esperança, celebrizado no poema épico de Camões), e atingem o continente asiático, ali estabelecendo uma colônia (Goa - 1498). O ciclo se completa com a chegada ao território que depois viria a ser chamado Terra de Santa Cruz e, enfim, Brasil (1500) (SILVEIRA, 2014; SOUSA, 2010; BARRETO, 1983; JUDICE, s.d.; CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO, 1988).

As ocupações de Espanha e Portugal constituem o que se chamaria de Novo Mundo. Mas o reconhecimento do continente, como América Latina, experimentaria longo processo, desde um primeiro registro, em 1507, até sua institucionalização, por Michel Chevalier, entre 1836 e 1837. O pioneiro uso de tal designação, numa conferência científica, ocorreu em 1856, pelo chileno Francisco Bilbao (VILLANUEVA, 2016).

Felipe de Anjou (Felipe V) era descendente dos Bourbon e trouxe as ideias da Ilustração à Espanha. Esta política é continuada por seu sucessor, Felipe VI e por Carlos III, quem autoriza a introdução da imprensa na Nova Granada (constituída pelos atuais Panamá, Colômbia, Equador e Venezuela, em 1777). Consolidava-se, assim, nos vice-reinos espanhóis, as atividades impressoras que haviam começado, ainda no século XVI, no México (Nova Espanha) e no Peru (SILVEIRA, 2014, p. 53 e ss.).

Quanto a Portugal, o processo foi mais complicado, porque a política interna metropolitana era menos liberal que a espanhola, ainda que, na Espanha, também houvesse a censura e o controle real e da Inquisição sobre os impressos. No caso lusitano, a autorização para a impressão de

uma obra era mais difícil e, nas colônias, a impressão era absolutamente proibida, eis que considerada uma indústria, de que a metrópole guardava o monopólio. A Ilustração praticamente não atingiu Portugal, ao contrário da Espanha, mesmo durante o período em que este esteve sob o jugo político da coroa espanhola, entre 1580 e 1640. É bem verdade que, durante este processo de independentização de Portugal, em relação à Espanha, surgem as primeiras *relações*, publicações que participaram ativamente da campanha para a separação das duas coroas e, depois disso alcançado, popularizam-se os *mercúrios*, com o objetivo de institucionalizar o novo poder político nacional. Mas estas práticas não atingiram as colônias lusitanas, ao contrário do que ocorreria com os territórios coloniais espanhóis.

## 2 AS PRIMEIRAS PUBLICAÇÕES

Deve-se fazer uma clara distinção entre as *relações* e as *gazetas*. As *relações* se ocupavam de um único tema ou relato, ainda que tais narrativas pudessem abarcar um período tão extenso como o de todo um ano. Mas a “periodicidade, a continuidade, a amplitude e um claro propósito de divulgar notícias [variadas] eram as características específicas das *gazetas* e marcavam diferenças entre estas e as *relações*, com as quais conviveram muito tempo”, explica Alejandro Pizarroso Quintero (1994, p. 275; GUILLAMET, 2004, ps. 66 e 67; DELGADO, s.d.; BENITEZ, 2000)<sup>2</sup>. As duas formas mais generalizadas, Também havia os *avvisi*, de origem italiana, os *Zeitungen*, de origem germânica, e assim por diante. As duas formas mais generalizadas, contudo, nos territórios ibéricos, foram as *relações* e as *gazetas*.

Jaume Romeu, impressor de Barcelona, começou a estampar uma *tradução* da Gazette de Paris, a partir de 28 de maio de 1641. Em fevereiro de 1661, surge, em Madri, a Relación o Gaceta de algunos casos particulares, así políticos como militares, sucedidos en la mayor parte del mundo, hasta fin de Diziembre de 1660. Como se verifica, há uma indefinição entre os termos *relación* e *gaceta*, dúvida que será dirimida apenas na terceira edição da mesma, que passa a se chamar Gazeta Nueva, alcançando institucionalizar-se como publicação oficial, semanal, em 1697, já então sob o título de Gaceta de Madrid. O periódico experimentará vida atribulada, até que, em 1701, o rei Felipe V confirma o privilégio de impressão a Juan de Goyene-

2 “Las primeras relaciones tipo gaceta contenian diversas noticias y no simple narración de un solo hecho, y por tanto se pueden considerar precedentes inmediatos de la periodicidade” (GUILLAMET, 2004, p. 67). E ainda: “En Venecia se le empleó por primera vez [el termo gaceta] a mediados del siglo XVI. En España se conocía ya en 1641 y era el nombre de una gaceta que se imprimia en Barcelona. Em 1661, Madrid y Sevilla publicaban con esse nombre sendas gacetitas y por esa fecha comenzó a editarse oficialmente la Gaceta de Madrid” (BENITEZ, 2000, p. 19).

che, mas, em 12 de janeiro de 1762, Carlos III incorpora o jornal à Coroa espanhola, pagando indenização de setecentos mil reais. A Gaceta de Madrid se torna publicação oficial, sob a direção de Francisco Manuel de Mena (QUINTERO, 1994, ps. 276 e 277).

Quanto a Portugal, a instalação da imprensa no país coincide com a Restauração. A Gazeta da Restauração apareceu em Lisboa em novembro de 1641. É considerada o primeiro periódico português e tinha como objetivo relatar as notícias deste período, marcando, desta forma, o início da propaganda política da nação, enquanto tal, depois de libertada da coroa espanhola. Em menor escala, relatava ainda a vida quotidiana lisboeta (SOUSA, 2011; SOUSA, 2013).

Observe-se que ambos os processos são paralelos e terão influência nas colônias, pois todos os primeiros títulos, considerados como os pioneiros da imprensa jornalística das colônias de então, quer as espanholas, quer a portuguesa, assumem a designação gazeta, o que inclusive evidencia aquele conceito *extensionista* antes mencionado<sup>3</sup>, com a exceção do Correio Braziliense, cuja concepção é um pouco diversa, mas complementar.

Quintero, sintetizando este processo inicial, escreve: “não houve, *a priori*, uma atitude contrária à imprensa periódica. A monarquia borbônica e os seus governos, na verdade, fomentaram-na, considerando que podia ser um instrumento útil à nação” (QUINTERO, 1994, p. 277), ao que se pode acrescentar: e aos governos de então, como podemos observar, especialmente no caso da Gaceta de Lima.

No caso português, a Gazeta do Rio de Janeiro, que nasceu quase um século depois, se considerarmos a data de 1722 como referencial da primeira publicação deste tipo, que ocorre no México, vive uma experiência diversa, eis que, diante da invasão de Napoleão Bonaparte ao território português, o Príncipe-Regente Dom João VI havia se trasladado, com toda a sua corte, para a então colônia brasileira, modificando seu *status* político para o de *reino unido*: a Gazeta do Rio de Janeiro, na verdade, foi um êmulo e uma contrafação de sua antecedente e contemporânea Gazeta de Lisboa, de que, se foi continuação, tornou-se, ao mesmo tempo, concorrente, pois o jornal de Lisboa havia caído sob o jugo francês e, portanto, não expressava mais o ponto de vista do governo lusitano e, sim, o do governo usurpador,

---

3 Devemos lembrar que algumas das primeiras publicações ocorridas nas colônias espanholas também foram *traduções* ou *adaptações* de publicações que ocorriam na metrópole, Madri, como o relato sobre um terremoto ocorrido na Guatemala, em 1541, fixado numa *hoja volante*, impressa por Juan Pablos, naquele mesmo ano, sob o título de “Relación del espantable terremoto que agora nueuamente ha acontecido en las Yndias en vna ciudad llamada Guatimala...”, de autoria de Juan Rodriguez. Manteve-se a redação original.

enquanto que a Gazeta do Rio de Janeiro, editada pelo mesmo responsável da antiga publicação lisboeta, Frei Tibúrcio José da Rocha, passou a representar o ponto de vista da Coroa Portuguesa legalmente constituída, mas, ao mesmo tempo, opunha-se, por óbvio, à Gazeta de Lisboa (10 de agosto de 1715) e, de certo modo, terminou por assumir uma perspectiva mais próxima do ponto de vista brasileiro, o que a levaria, a partir de 1822, após a independência da antiga colônia, por iniciativa do Dom Pedro I (Dom Pedro IV de Portugal) a tornar-se o Diário do Governo da nova nação.

### 3 A PRIMEIRA GACETA

A Gaceta de Mexico nasce em janeiro de 1722. Anteriormente, já haviam circulado algumas *folhas volantes* o *relaciones*, originalmente manuscritas, mas, desde 1541, impressas, desde que o México recebera uma primeira prensa, em 1535, e uma segunda, em 1539 (BENITEZ, 2000, ps. 24 e 36). Chegou-se mesmo a construir prensas de madeira, segundo o autor consultado (BENITEZ, 2000, p. 37).

Esta primeira Gaceta de México se deveu ao *criollo* Juan Ignacio Castorena Ursúa e Goyeneche, mais tarde bispo de Yucatán, que pode ser considerado o primeiro jornalista do continente. Tratava-se de uma publicação mensal, de 4 a 8 páginas, que alcançou apenas 6 edições, entre 1º. de janeiro de 1722 e junho do mesmo ano.

Como as que se editavam na Europa, agrupava as informações de acordo com sua procedência, mas dando preferência àquelas oriundas do México (Nueva España), que organizava segundo as regiões de que eram oriundas<sup>4</sup>. Seguiam-se as informações internacionais, indicadas pelos países de origem. Em ambos os casos indicavam-se as datas dos acontecimentos, ainda que, por vezes, o intervalo de tempo entre o acontecimento e a informação fosse de vários meses. A maior parte de suas informações estava ligada ao meio eclesiástico, a que se seguia o mundo administrativo oficial:

No carece de utilidade, pues a más del general motivo de las gacetas, siendo éstas una fidelíssima relación de lo que acaeca en estas dilatadas regiones, pueda sin trabajo cualquier discreto, con la diligencia de juntarlas, formar unos anales en lo futuro. En que sin el cuidado de examinarlos, logre el aplauso de escribirlos, y los correspondientes, el de complacer a los que de la Europa piden noticias de la América, para enriquecer con novedades sus historias (DELGADO, s.d.).

4 Esta prática teria sido uma inovação ao sistema europeu de então, que priorizava as informações europeias, a que se seguiam as das colônias (CASTAÑEDA, 1969).

Não foi um jornalismo de crítica política, mas em suas poucas 6 edições, tornou-se uma fiel crônica do México de então. Castorena, segundo um pesquisador, “conferia al periodismo un sentido más histórico que informativo” (CASTAÑEDA, 1969, p. 40). Não obstante, já se encontra, nestes textos, um “sentimiento de nacionalidad, una cierta consciencia de madurez intelectual apenas perceptible y confundida un poco con esse resque-mor criollo del cual ya se habla desde el siglo XVI” (PRIETO, ZARCO, VIGIL e PESCOÇO, 1963, p. 1). Do mesmo modo, sua preocupação com um registro mais histórico que jornalístico, propriamente dito, acaba por conduzi-lo a um descritivismo bastante detalhista, o que faz com que alguns destes textos assumam “caracteres de un reportaje, enriquecidos con datos geográficos y etnográficos, alén de la relación propriamente histórica” (CASTAÑEDA, 1969, p. 46).

Há uma passagem, em especial, que nos permite comparações com o futuro jornal do brasileiro Hipólito José da Costa, Correio Braziliense, quando o editor mexicano escreve: “Sólo se solicita en buen ejemplo para la posteridade, y que sean pauta a los que serán, las acciones de los que fueron” (CASTAÑEDA, 1969, p. 42), o que se pode aproximar desta passagem do artigo de lançamento do jornal que Hipólito José da Costa editaria em Londres:

Ninguém mais útil pois do que aquelle que se destina a mostrar, com evidencia, os acontecimentos do presente, e desenvolver as sombras do futuro. Tal tem sido o trabalho dos redactores das folhas publicas, quando estes, munidos de huma critica saã, e de huma censura adequada,. Representam os factos do momento, as reflexoens sobre o passado, e as solidas conjecturas sobre o futuro (COSTA, JUNHO DE 1808, p. 3)<sup>5</sup>.

A Gaceta era impressa na oficina da viúva Miguel Ribera Calderón, na rua do Empedradillo. Em sua organização, Castorena servia-se das *gacetas* espanholas, o que explica o evidente atraso com que suas informações circulavam. De qualquer modo, organizou o primeiro serviço internacional de notícias (WIKIMEXICO).

Com denominação semelhante, surgiu uma segunda Gazeta de México, em 1728, a cargo de outro sacerdote, Juan Francisco Sahagún de Arévalo Ladrón de Guevara, que manteria as características da primeira e circularia até 1739, alcançando a publicação de surpreendentes 1245 edições, o que é uma verdadeira epopeia. Em sua segunda fase, a mais importante,

---

5 Manteve-se a redação original.

continuou a ter 4 páginas, incluindo matérias científicas e sobre meteorologia, além de poemas, melhor adequando-se à inspiração do Século das Luzes. Enquanto existiu, o jornal circulou por todo o vice-reino, pois tinha correspondentes em diferentes regiões. Cada edição vinha encimada pela imagem de uma águia devorando uma serpente, como uma espécie de logotipo do periódico, e que depois se tornaria a imagem oficial da bandeira do México independente, sendo plenamente (re)conhecida pela maior parte da população (ESTRADA, s.d.).

Em janeiro de 1742, transformou-se no Mercúrio de México (BENITEZ, 2000, ps. 43 a 45), que alcançaria apenas 157 edições, encerrando definitivamente suas atividades em dezembro daquele mesmo ano.

A Gaceta reaparece ainda outra vez, em 14 de janeiro de 1784, mas completamente diversa: a nova Gazetas de México constituía-se de 8 páginas, com suplementos variados, circulando até 1810, coincidindo com o “grito de Dolores” (15 de setembro), que inicia o processo revolucionário independentista da colônia. Nesta fase, tornou-se *oficialista* (GODOY, 2016, ps. 28 a 33). Era editada pelo também *criollo* Manuel Antonio Valdés y Munguia, com Juan López Cancelada, que logrou transformar seu jornal no mais longevo da época colonial, considerando-se-lhe, por isto mesmo, o melhor jornalista destes tempos, inclusive refletindo criticamente a respeito da função social do jornalismo. Foi uma publicação quinzenal mas, a partir de 1793, tornou-se semanal, o que evidencia o crescimento do interesse pelos jornais, o que refletia, certamente, a movimentação política que chegaria aos movimentos independentistas

Em geral, estes jornais eram de dimensões reduzidas, com 13 cms. de altura por 20 cms. de largura<sup>6</sup>, ainda que esta terceira publicação guardasse dimensões mais amplas.

O editor desta última Gazeta reconhece o papel de pioneirismo de Castorena, ao escrever, em 2 de janeiro de 1784, no lançamento de seu novo periódico:

Quanto se haya conocido entre los nuestros la utilidade de las Gacetas del próprio país, ya lo publican las repetidas diligencias con que se solicitan las seis que se dieron a luz en esta corte el año 722..., de que apenas se ha encontrado una colección íntegra, quizá no habiendose hecho de presente el debido aprecio de ellas, tuvieron el desastrado fin que por lo regular (tiene) todo papel periódico; motivo porque en el dia

6 A coleção destes jornais pode ser consultada digitalmente em <http://hemerotecadigital.bne.es/details.vm?q=id:0004520440&lang=en>

carecen los curiosos literatos de un cúmulo de noticias muy peregrinas, que les serían de mucho provecho (VALDÉS, apud CASTAÑEDA, 1969, p. 50).

#### 4 PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES

Desses registros iniciais, podemos, desde logo, trazer à reflexão, algumas observações e generalizações:

a) A exemplo do que se observa a propósito da imprensa colonial de expressão portuguesa, surgida nas antigas colônias de Portugal, na África e na Ásia, o surgimento da imprensa, nos territórios coloniais espanhóis da América Latina se vincula às primeiras gerações *criollas*; no caso brasileiro, se Frei Tibúrcio é português de origem, Hipólito José da Costa já é mestiço, pois embora filho de gente branca, sua mãe, Ana Josefa Pereira, era nativa da Colônia do Sacramento (HOHLFELDT, 2014, ps. 597 a 685);

b) Consultadas as imagens com reproduções iconográficas destas primeiras *gacetas* do México, observa-se que a primeira delas (1722) traz o título Gaceta de México, mas as duas seguintes (1728 e 1784) se denominam, de fato, Gaceta de México. Caberia um estudo vernacular para verificar se tal diferença tem algo a ver com a ideologia que guiará seus editores, na medida em que as segunda e terceira distinguir-se-iam da primeira exatamente pela forma de sua denominação; o fenômeno, pode-se antecipar, repetir-se-á com algumas das *gacetas* das demais colônias, como se observou em outros estudos;

c) Os formatos das publicações se equiparam, pois tanto as *gacetas* espanholas quanto a *gazeta* brasileira, e até mesmo o Correio Braziliense, possuem pequenas dimensões, próximas às do livro;

d) O conceito desenvolvido por Juan Ignacio Castorena y Ursúa Goyeneche e o de Hipólito José da Costa, quanto à função do jornalismo, é claramente semelhante: ele é mais histórico que jornalístico;

e) Nenhum dos dois periódicos prega a separação entre as metrópoles e as respectivas colônias, mas reclamam reconhecimento por parte da Corôa e respeito pelas diferenciações que vão se evidenciando entre tais espaços geo-culturais, políticos e econômicos<sup>7</sup>.

---

7 No caso do jornal mexicano, em nenhuma de suas três fases de existência. No caso do RIHGRGS, Porto Alegre, n. 162, p. 15-25, julho de 2022.

Estas são, como dissemos, observações iniciais. Em artigos subsequentes, pretende-se examinar as demais publicações, sempre aproximando-as das características dos dois primeiros periódicos brasileiros. Cremos que esta seja uma boa metodologia para alcançarmos uma história conectada da imprensa na América Latina.

## REFERÊNCIAS

- BARRETO, Luís Filipe. *Descobrimientos e renascimento*. Formas de ser e pensar nos séculos XV e XVI. Lisboa: Imprensa Nacional, 1983.
- BENÍTEZ, José Antonio. *Los origenes del periodismo en nuestra América*. Buenos Aires/México: Lumen, 2000.
- CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO. *A rota do Cabo*. Descobrimientos e colonização africana. Porto: Casa do Infante, 1988.
- CASTAÑEDA, Maria del Carmen Ruiz. “La Gaceta de México de 1722. Primer periódico de la Nueva España”. *Boletín del Instituto de Investigaciones Bibliográficas*, México. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/69394>. Junho de 1969.
- COSTA, Hipólito José da. “Introdução.” In: *Correio Braziliense ou Armazém Literario*, London, W. Lewis, Paternoster-Row. Junho de 1808. Mantev-se a redação original.
- DELGADO, Miguel Ángel, Fernández. “La Gaceta de México, el primero periódico nacional”, artigo no repositório do INEHRM – Instituto Nacional de Estudios Históricos de las Revoluciones de México. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20121108073341/http://www.inehrm.gob.mx/Portal/PtMain.php?pagina=exp-gaceta-de-mexico-articulo>.
- ESTRADA, Dorothy Tanck. *Características de las Gazetas de México de 1722, 1728-1742 y 1784-1809*. Disponível em: <https://gacetademexico.colmex.mx/>.
- GODOY, Antonio Checa. *La prensa en español y portugués en América*. Sevilla: Editorial Universidad de Sevilla, 2016.
- GUILLAMET, Jaume. *De las gacetas del siglo XVII a la libertad de imprenta del XIX*. In: BARRERA, Carlos (Org.). *Historia del periodismo universal*. Barcelona: Ariel, 2004.
- HOHLFELDT, Antonio. *Journalism in colonies of portuguese expression*. In: SOUSA, Jorge Pedro; LIMA, Helena; HOHLFELDT, Antonio et BARBO-

---

jornal brasileiro, esta posição unificadora é evidente entre 1808 e 1817, vinculada ao conceito de *reino unido*, modificando-se apenas quando as Côrtes lisboetas decidem desqualificar o Brasil, retornando-o à condição de colônia (HOHLFELDT, Julho-Dezembro de 2008, ps. 11 a 26 e HOHLFELDT, setembro de 2008).

- SA, Marialva (Orgs.) – A history of the press in the Portuguese-speaking countries. Porto: Media XXI, 2014.
- HOHLFELDT, Antonio. “Correio Braziliense e Gazeta do Rio de Janeiro: Comparações e influências”. In: *Estudos em Jornalismo e Mídia, Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina*. Vol. V, n. 2. Julho-Dezembro de 2008.
- HOHLFELDT, Antonio. *Matrizes da imprensa brasileira: Correio Braziliense x Gazeta do Rio de Janeiro*. In: XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte/INTERCOM. Setembro de 2008.
- JÚDICE, Nuno. *A viagem na literatura portuguesa*. Lisboa: Instituto Português do Livro e da Leitura.
- PRIETO, Guillermo; ZARCO, Francisco; VIGIL, José María et PESCOÇO, Mónico. *El nacionalismo en la prensa mexicana del siglo XVIII*. México: Club de Periodistas de México, 1963.
- QUINTERO, Alejandro Pizarroso. *Evolução histórica da imprensa em Espanha*. In: QUINTERO, Alejandro Pizarroso (Org.). *História da imprensa*. Lisboa: Planeta, 1994.
- SILVEIRA, Mauro César. *Um pecado original*. Os primórdios do jornalismo na Bacia do Rio da Prata. Florianópolis: Insular, 2014.
- SOUSA, Jorge Pedro (Coord.). *O pensamento jornalístico português*. Das origens a abril de 1974. Covilhã: LABCOM, Vol. 1, 2010.
- SOUSA, Jorge Pedro (Coord.). *A Gazeta “da Restauração”*. Primeiro periódico português. Uma análise do discurso. Covilhã: LABCOM, 2011.
- SOUSA, Jorge Pedro (Coord.). *Estudos sobre o Mercúrio Português (1663-1667)*. Discurso e contexto. Covilhã: LABCOM, 2013.
- VALDÉS, Manuel Antonio (2.1.1784). “Introducción”, *México, Gacetas de México*, p. 1. In: CASTAÑEDA, Maria del Carmen Ruiz – “La Gaceta de México de 1722. Primer periódico de la Nueva España”. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/69394>.
- VILLANUEVA, Erick Torrico. *La comunicación pensada desde América Latina (1960-2009)*. Salamanca: Comunicación Social, 2016.
- WIKIMEXICO. *La Gaceta de Mexico*. Disponível em: <http://wikimexico.com/articulo/la-gaceta-de-mexico>.

Recebido em 12/01/2021

Aprovado em 23/03/2022